

EDITORIAL

Alívio, ânimo e esperança são palavras que definem o sentimento da imensa maioria dos produtores rurais gaúchos ao findar das eleições gerais brasileiras de 2018. A Farsul comemora o resultado do pleito aos principais cargos do país, bem como a nova composição do legislativo. Faz isso porque é uma entidade que sempre teve lado no espectro político: está com aqueles que trabalham pelo desenvolvimento econômico, que respeitam o direito de propriedade, que não admitem esquemas de corrupção e o jogo político para financiar o poder.

Acima de tudo, a Federação defende que a missão social seja feita pela via do empreendedorismo, e não o contrário, para que de fato resulte numa sociedade sustentável e livre. Luta por um Estado menor, preocupado em suprir as carências da população nas áreas da segurança, saúde e educação. Apoia líderes de visão liberal, que consigam enxergar que nem sempre a melhor maneira de aumentar a arrecadação é colocando mais impostos nas costas do cidadão. E claro, figuras que valorizem o agronegócio brasileiro como a potência que é.

Tranquiliza observar que boa parte dos eleitos esteve na Casa da Farsul na Expointer 2018, recebendo as 10 medidas formuladas pela entidade para colocar o país nos trilhos. Jair Bolsonaro, futuro presidente da República, passou mais de hora conversando com diretores da Farsul e presidentes de sindicatos rurais sobre o que pensa para os próximos quatro anos. Alinhado com as ideias do setor, deixou o local com apoio evidente, bem traduzido pelo palanque improvisado que se montou diante de uma das ruas do Parque de Exposições Assis Brasil, onde atendeu uma fervorosa multidão de gaúchos que clamavam por mudança.

Na disputa pelo Piratini, a tranquilidade veio logo no primeiro turno, quando instaurou-se disputa entre José Ivo Sartori e Eduardo Leite. O atual governador, de gestão realista e comprometida desde 2014, recebeu apoio da Federação em inúmeros projetos de seu mandato, como o pacote de privatizações e a luta pela adesão ao Regime de Recuperação Fiscal da União. Prevaleceu o segundo, ex-prefeito de Pelotas, que prometeu fortalecer o empreendedorismo e o agronegócio na mesma Casa da Farsul. O Rio Grande fica em boas mãos.

Outro destaque é a estreia de Luis Carlos Heinze no Senado, velho porta-voz do produtor gaúcho em Brasília. Quanto aos deputados federais e estaduais, vislumbra-se uma renovação importante, que deve criar condições para estabelecer a governabilidade do Executivo e acelerar reformas.

Quase simultaneamente, a Farsul passou pela sua 42ª eleição. Expressivo número de sindicatos (118) aprovou a curta gestão de Gedeão Pereira como presidente. Mas esse é também um voto de apoio a um projeto de mais de 20 anos, em constante transformação, mas com ideias centrais bem definidas. A mensagem é clara: o agronegócio gaúcho está unido. Assim, ele contribui para um Brasil melhor.

Enfrentamento de crises

Blau Souza*

A necessidade crescente de alimentos e de celulose no mundo têm tido reflexos diretos no Rio Grande do Sul. Agricultura altamente sofisticada e plantação de florestas em áreas nunca desmatadas não ocorrem por acaso. E tais atividades resultam em redução continuada das áreas de pastoreio e alterações de paisagem, flora e fauna de um pampa a ser defendido. Claro que campos de criação, lavoura e florestas podem e devem conviver pacificamente. Mas quando se vive uma crise na pecuária, alongada por mil e uma razões, cresce essa tendência reducionista, e escrevo essa crônica para espantar certo amargor que vai além da existente na erva do mate nas madrugadas.

Notícias de um século atrás, falam de fazendeiros apelando ao governo do Estado para que fosse permitido o abate de matrizes, apesar de disposição federal que o proibia em todo o país. Logo após, era festejada a participação do Dr. Borges de Medeiros por ter conseguido tal intento. Na verdade, por ocasião das crises, tidas como cíclicas na pecuária, o abate de matrizes representava uma das saídas para os produtores. Hoje, cem anos depois, tal comportamento não está afastado, mas surge como uma entre muitas alternativas para fugir aos baixos valores estabelecidos pelos frigoríficos na compra de bois gordos. Vender animais para serem terminados em confinamentos passou a ser prática comum, bem como a venda

para navios que transportam gado em pé para consumo em países do Oriente Médio. Serão tais práticas, as melhores soluções? Certamente que não, mas atuam como alternativas válidas num mercado que se caracteriza pela inexistência de uma cadeia racional, capaz de assegurar valores e preços satisfatórios nas duas pontas: produtores e consumidores finais. De qualquer maneira, é importante que não se perca a noção do alto valor de nossa carne e que será absorvida

Que dizer então dos açorianos, que vieram para o Rio Grande sem sonhos dourados, tão somente buscando um lugar para viver com suas famílias. Aqui se estabeleceram com muito trabalho e vida austera, cheios de religiosidade. Eles chegaram pobres e dispostos a fazer do nosso chão a sua pátria.

tanto pelo mercado externo quanto pelo interno. É preciso que não se abandonem as boas práticas no aproveitamento dos campos nativos e melhorados por causa de crises, ainda que elas sejam duradouras e cheias de reflexos negativos. Frigoríficos enormes e hegemônicos, com dinheiro fácil e propiciadores de propinas mundo a fora, certamente já mostraram o quanto podem ser nocivos nas mãos de pessoas desonestas e despreparadas. Frigoríficos que assegurem cortes especiais, capazes de concorrer em nichos sofisticados de mercado no Brasil e no exterior têm de existir, mas não podem ser os únicos. Matadouros regionais e municipais não podem fechar

suas portas, e nenhum outro terá como eles, facilidade para estabelecer tabelas de abates, antecipação de renda e outras vantagens para fornecedores conhecidos e fiéis, sobretudo entre pequenos e médios produtores. Mas todos têm de ser fiscalizados e integrar rede pública e abrangente na luta contra o abate clandestino e o abigeato.

Num passado difícil em que os períodos de estiagem e os surtos de aftosa afetavam a todos em fase anterior às vacinas, souberam nossos antepassados vencer desafios como o melhoramento genético dos rebanhos e o acréscimo de pastagens de inverno em nossos campos, cuja cobertura vegetal foi conservada para satisfação do mundo. Eles acreditavam no futuro e conviviam com a natureza. É preciso que conservemos a mesma sina e o façamos estimulados por uma visão de século XXI, certos de estarmos produzindo um dos mais completos e gostosos alimentos, cuja aceitação crescerá na razão direta da diminuição da pobreza num mundo menos sujeito a utopias. É preciso preparo para vender ecologia, sendo difícil imaginar que o mundo resista ao consumo da carne de animais criados em campos com pasto nativo, bebendo água de sanga, subindo e descendo suaves coxilhas. Busquemos a excelência na qualidade de vida, nossa e dos nossos animais. E isso reforçará nossa comprovada capacidade para enfrentar crises.

*Médico e escritor

EXPEDIENTE

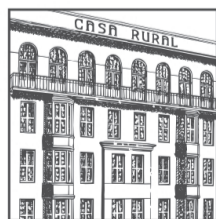
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Vice-presidente:
Elmar Konrad
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Superintendente:
Gilmar Tietböhl
Divisão Técnica:
João Augusto Telles
Divisão de Arrecadação:
Saulo Gomes
Div. Administração e Finanças:
Valmir Susin

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)
Fotos: Tiago Francisco, Emerson Fogueiro e Marco Quintana
Colaboração: Alessandra Bergmann, Gerson Raugust e Samuel Lima
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390